

APRESENTAÇÃO

A HISTÓRIA, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, apresenta-se, neste ano de 2017, com periodicidade semestral, não perdendo os traços definidos, editorialmente, pelo Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais (DHEPI). Com efeito, o 7.º volume da IV Série, 1.º semestre, dá corpo ao plano aprovado em reunião de Conselho de Departamento no ano de 2016, prometendo dois números por ano, em suporte digital, embora num formato passível de impressão, procurando aceder a outros níveis de indexação internacional.

O presente número mantém uma estrutura semelhante à dos anteriores: um *Dossier temático*, seguido de *Outros estudos*. O dossier temático, sob o tópico das *Migrações*, não poderia ser mais atual, marcado pelas movimentações desesperadas dos que chegam à Europa, se tornam tão visíveis e, ao mesmo tempo, tão banalizadas pela repetição de imagens, pontuadas por visões que ainda fazem estremecer a indiferença.

A História lembra que nenhum destes quadros é inédito, embora os fatores que justificam tais movimentações estejam associados não apenas a momentos críticos, extremos, como conflitos, crises económicas, desastres ambientais, mas, globalmente, à procura de melhores condições de vida ou, no limite, de sobrevivência. Contudo, se é certo que os dados numéricos apresentam para 2015, um milhão e meio de pessoas para a Europa, a verdade é que representou menos de 0,5% dos 550 milhões de cidadãos europeus. Recorde-se, como recentemente lembrou o diretor da organização internacional das migrações (William Lacy Swing, IOM-OIM, <https://www.iom.int/>) esta imagem de migrantes e refugiados chegados à Europa, numa orientação sul/norte, está sobrevalorizada, esquecendo que 43 a 45% de todas as migrações se fazem no sentido sul-sul (Jornal Expresso, a Revista do Expresso, 17 junho 2017, pp. 22-23).

Os autores do dossier temático, Teresa Cierco e Maciel Morais Santos, num texto de reflexão profunda, questionam, em *As migrações hoje – inevitabilidade e/ou catástrofe?* as dificuldades de integração de migrantes, assim como analisam em que medida a procura de trabalho estimulou as migrações e foi oportuna para as sociedades de acolhimento. Entre os diferentes aspetos focados, sublinhe-se como calculam o sentido desses movimentos, comparando o tráfico atlântico de escravos, que terá produzido 10 milhões de migrantes forçados, com a emigração europeia (1840-1914) que lhe foi 28 vezes superior. Ou seja, os números podem revelar saldos que merecem uma reflexão futura.

Os restantes textos que compõem este dossier temático cobrem períodos cronológicos sucessivos, contemplando os aspetos enunciados por Teresa Cierco e Maciel Morais Santos. Alinhados de forma temporal, começam pelo de Diogo Andrade Cardoso (*Só ou acompanhado? A emigração para os territórios ultramarinos nos séculos XVI e XVII*), que estudou a estrutura familiar dos emigrantes, de forma a compreender se tal emigração era feita individualmente ou se contava com a participação dos parentes. Já a análise de Paula Marques dos Santos e Diogo Ferreira (*As Relações Portugal-Brasil e a emigração portuguesa durante o Estado Novo. O impacto da legislação nacionalista de Getúlio Vargas*) pretendeu perceber o enquadramento conjuntural que influenciou cada um dos países e regimes na tomada de opções políticas relativamente aos movimentos migratórios.

Um olhar contemporâneo por Pedro Ponte e Sousa (*A diáspora portuguesa como prioridade da política externa de Portugal: entre o discurso e a prática*) procurou, por um lado, avaliar se as políticas para as comunidades portuguesas apresentam clivagens político-partidárias, segundo diferentes grupos políticos) e, por outro, sugerir e avaliar um eventual reforço das relações com as comunidades portuguesas. Numa visão à escala europeia, Teresa Cierco (*Crise de refugiados: um teste aos princípios e valores europeus*) questiona-se como princípios como a defesa da dignidade humana, solidariedade, liberdade, sobre democracia e igualdade, serão violados pelas práticas (ou as suas ausências) por parte de alguns Estados membros frente a uma pressão de refugiados que parece ser sem precedentes.

Em *Outros Estudos* viaja-se no tempo e espaço. Um primeiro estudo observa e trata *A Envoltura da Morte e as Grandes Crises de Mortalidade em Lisboa (Séc. XVI – XVII)*, por Delminda Maria Miguéns Rijo, que se propõe abordar a narrativa da morte sob um duplo ponto de vista: um sobre a preparação do Além e outro sobre a mortalidade em si mesma, sobretudo a catastrófica que se apresentava de forma recorrente naquela Lisboa dos tempos modernos.

Já o pensamento e a cultura modernos são objeto de reflexão em *Erasmão, Maquiavel e Moro e a Modernidade: Estilos e Projetos Sociais na Filosofia Política Renascentista*, por Paulo Ferreira da Cunha. Como escreveu o autor, não obstante a ocasião ser de comemorações, a sua análise é, antes de mais, crítica, ao recordar aqueles três protagonistas da filosofia política dos alvares da Modernidade e os seus “estilos” de pensar a política, o direito e o poder nos tempos futuros.

Finalmente, os *Caminhos-de-ferro coloniais antes dos caminhos-de-ferro coloniais: especulação e tecnodiplomacia (1857-1881)*, por Hugo Silveira Pereira, leva-nos a refletir sobre a elaboração de planos engenhosos, mas nunca cumpridos, como foi o caso dos primórdios da efetiva abertura das primeiras linhas-férreas nos domínios ultramarinos portugueses de Angola, Moçambique e Índia na década de 1880. Não obstante se tratar de um conjunto de propostas de natureza especulativa, inseriam-se no quadro diplomático entre Portugal e o Reino Unido, mas significaram, contudo, um período de aprendizagem para o futuro.

A rubrica recensões inclui uma análise ao livro de Álvaro Garrido, *Queremos uma economia nova!: Estado Novo e corporativismo* (2016), realizada por Leonardo Aboim Pires e que, àquela obra, dedicou uma reflexão alargada e prospetiva.

Finalmente, a apresentação das pós-graduações defendidas no último ano letivo de 2015 e 2016, no âmbito dos cursos de 2.º e 3.º ciclo sediados no DHEPI, revela a grande produtividade e dinâmica de formação científica e capacidade pedagógica do próprio departamento. Os conteúdos acedem-se facilmente através do endereço digital incluído em cada um dos títulos, organizados por ordem alfabética dos autores inseridos dentro de cada curso, também organizado alfabeticamente.

Estamos certos de que este número se deve aos autores e à colaboração eficaz dos serviços de apoio da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Espera-se não defraudar as expectativas e a confiança depositadas por muitos.

Porto, 22 de junho de 2017

A Comissão Editorial

Inês Amorim
Cláudia Pinto Ribeiro
Francesco Renzi
Jorge Martins Ribeiro
Maria Antonieta Cruz
Teresa Cierco

Dossier Temático